

DISCREPÂNCIAS NA PERCEPÇÃO DE CONFLITOS ENTRE PAIS E FILHOS/AS ADOLESCENTES

LUCIAN DA SILVA BARROS*
DENISE D'AURIA-TARDELI**

RESUMO

Este artigo traz um estudo que consiste em avaliar como os adolescentes compreendem e percebem os conflitos com seus pais, bem como as suas discrepâncias na percepção destes conflitos. O estudo foi realizado em uma pequena amostra de 74 adolescentes escolarizados, de ambos os sexos, no período específico da adolescência de 13 a 15 anos, alunos de uma escola privada na cidade de Santos-SP-Brasil. Foi criado um questionário próprio para este estudo pela escassez de instrumentos de pesquisa sobre o tema em literatura publicada. Pesquisas sobre os conflitos entre pais e adolescentes de Bosma, Laursen, Coy & Collins e Noller são a base deste estudo. Este estudo sugere que a relação entre pais e filhos muda claramente na fase puberal dos filhos, ainda que haja evidência da força ou importância que tem estas mudanças para cada um dos membros da relação.

Palavras-chave: Adolescentes; pais; conflitos.

* É doutorando na Universidade Mackenzie, membro do Grupo de Pesquisa “Convivência democrática: estudos sobre clima escolar e atmosfera moral”; pesquisador na área da Educação e Psicologia Moral.

** É professora doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, com pós doutorado em Educação, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de SP-Brasil, pesquisadora na área da Educação e Psicologia Moral. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Convivência democrática: estudos sobre clima escolar e atmosfera moral”.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa de transição na qual, geralmente, se produzem importantes mudanças físicas, cognitivas e emocionais que afetam as relações dos adolescentes com seus pais e com seus pares. É um período que os pesquisadores do desenvolvimento humano costumam dizer que ocorrem eventos que necessariamente causam problemas em todos os indivíduos, sendo que o número e a natureza das mudanças que ocorrem simultaneamente durante este período de vida, requerem que o adolescente desenvolva estratégias de afrontamento para agir efetivamente, porque do contrário, pode desenvolver diferentes tipos de problemas (PETERSEN & HAMBURG, 1986). Estas mudanças não se originam de forma brusca e rápida, mas sim, de maneira progressiva e continuada, o que permite que tanto pais como filhos, possam ir se adaptando a nova situação. Neste sentido, parece mais adequado falar de alterações nas relações familiares durante a adolescência, mesmo que inúmeros estudos e pesquisas (SMETANA, 1988, 1989; STEINBERG, 1981, 1987; STEINBERG & SILVERBERG, 1986) tenham apontado que as transformações possam causar conflitos nas relações familiares.

Nesta perspectiva, convém pontuar que a análise dos conflitos que acontecem entre pais e filhos/as durante a adolescência, assim como aprofundar os motivos que os originam, sua incidência, sua evolução e a resolução dos mesmos, não é com a intenção de polemizar as relações familiares, mas sim procurar entender a existência de conflitos como algo que ocorre em qualquer tipo de relação humana mais íntima (WAGNER, TRONCO & ARMANI, 2011). Se antes, a existência de conflitos entre pais e filhos/as era considerada como um indício de disfunção familiar, queremos trazer neste estudo uma concepção diferente: a partir da Psicologia Moral, comprova-se (LA TAILLE, 1996, 2006, 2008) que estas manifestações cumprem um papel adaptativo no desenvolvimento do adolescente e no funcionamento familiar geral, já que contribui para que os membros da família

aprendam a tolerar melhor as diferenças de opinião e que aprendam habilidades sociomoraes para resolver os próprios conflitos, mantendo no processo relações mais sólidas.

O significado funcional dos conflitos durante o período da adolescência depende, em parte, da qualidade das relações entre pais e filhos/as. O grau de intimidade, afeto e comunicação devem ser levados em consideração, e segundo Collins (1997), os conflitos entre pais e filhos/as são próprios do processo evolutivo de transformação das relações que surge na adolescência, no qual, ao mesmo tempo em que jovens negociam com os seus pais a transição para novos níveis de autonomia e interdependência, de acordo com sua idade, mantêm os vínculos afetivos existentes com eles. Por isso, um nível de conflito normativo – colocar normas de conduta - nas famílias, não traz prejuízo na qualidade das relações de apego entre pais e adolescentes, quando ocorrem em um contexto de continuidade relacional (COLLINS, 1990; STEINBERG, 1990).

Os principais focos de conflitos entre pais e adolescentes, segundo uma breve revisão de literatura sobre o tema (BOSMA *et al*, 1996; LAURSEN, COY & COLLINS, 1998; NOLLER, 1994) se referem às seguintes categorias:

- a) As opções e costumes sociais, como escolha das amizades, passar a noite fora de casa, tipo de atividades de lazer, horário de voltar para casa, idade certa para namorar;
- b) A responsabilidade, como realização de tarefas familiares, uso do dinheiro, cuidado com as coisas pessoais e com o seu quarto, uso de telefone ou carro, trabalho fora de casa;
- c) Os estudos, como qualificação e rendimento escolar, hábitos e rotina de estudo, atitude de respeito aos colegas e professores, atitudes na escola;
- d) As relações familiares, que se referem aos pais, as brigas com os irmãos, interação com os avós, autonomia em relação à família;

- e) E valores morais, como as condutas prejudiciais à saúde, o tipo de linguagem usada, a honestidade, a conduta sexual, cumprimento de regras e normas sociais.

Laursen & Collins (1995) realizaram uma avaliação sobre os conflitos interpessoais que ocorrem durante a adolescência e definiram o conflito da seguinte forma: este seria como um evento interpessoal que inclui um estado que compreende condutas incompatíveis, de desacordo e oposições. Geralmente, há uma tendência a confundir o conflito com ira, disputas e discussões. Essa definição ainda hoje se confirma, pois a característica central do conflito é a conduta de oposição ou desacordo entre as pessoas e adotaremos esta explicação ao longo deste estudo.

A revisão da literatura indica que há aspectos moleculares na interação entre pais e filhos adolescentes, e processos cognitivos, motivacionais do desenvolvimento e de aprendizagem, assim como fatores do meio ambiente e da estrutura familiar, que influem na geração e manutenção do conflito. Assim, o problema de pesquisa consiste em avaliar como os adolescentes compreendem e percebem os conflitos com seus pais. Além disso, como esta investigação foi realizada antes do contexto da pandemia causada pelo Coronavírus (COVID-19), no ano de 2019, que poderia trazer novos contextos e outras problemáticas para as análises interpessoais, apresentamos como objetivo geral deste estudo consiste em analisar os conflitos entre pais e filhos, bem como as suas discrepâncias na percepção destes conflitos no período específico da adolescência de 13 a 15 anos.

MÉTODO

Este é um estudo exploratório de natureza quanti-qualitativa. Explica-se o caráter quantitativo pela apresentação percentual da somatória das respostas e a partir disso, o caráter qualitativo se dá nas análises das respostas dissertativas dos sujeitos. O problema de pesquisa consiste na pergunta que gira em torno,

primeiramente, da constatação de que há incidência de conflitos na relação de filhos/as adolescentes com seus pais, ou seja: *Como filhos/as adolescentes compreendem a relação com seus pais e o que entendem por conflitos?*

Este problema nos instiga a considerar três hipóteses que não são retiradas diretamente da literatura revisada. Como primeira hipótese, há suposições que os filhos/as adolescentes percebam realmente a incidência de conflitos em seus relacionamentos com seus pais, mas que atribuam valores diferentes na frequência destes conflitos, entendendo que muitas vezes, nem chegam a considerar como conflitos, propriamente.

Marcamos como segunda hipótese que os adolescentes percebem de forma diferente os conflitos familiares, no que se refere ao gênero e às idades: meninos se manifestam diferentemente das meninas e os adolescentes mais novos, expressam que têm menor incidência de conflitos familiares.

E como última hipótese, se espera que os filhos percebam mudanças nos conflitos com seus pais ao longo da adolescência, ainda que não haja uma predição sobre a direção das mudanças.

A amostra contou com 74 sujeitos¹, sendo 31 meninas e 43 meninos, na faixa de 13 a 15 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola privada da cidade de Santos-SP-Brasil. A escola é de médio porte e os sujeitos entrevistados são de famílias de classe média, residem próximos à escola que fica situada em um bairro bem localizado na cidade. Os critérios de inclusão para a escolha da amostra se referem à faixa etária mencionada acima e a obrigatoriedade de serem jovens escolarizados.

Em consulta a instrumentos de investigação sobre família e conflitos (TEIXEIRA, OLIVEIRA & WOTTRICH, 2006) verificou-se que não há variedade de instrumentos disponíveis para a utilização, ou variedade de literatura mais atual específica sobre o tema, assim, a proposta de instrumento foi elaborada

¹ Todos apresentaram o Termo de Assentimento assinado pelos pais, além da autorização da escola para realização da coleta.

especialmente para este estudo: um Questionário de sondagem para filhos/as, no qual perguntou-se que tipo de conflitos os filhos/as adolescentes têm com seus pais. Esta foi a única questão feita sendo que os respondentes poderiam responder livremente à indagação. As respostas foram respondidas por escrito, em formulário preparado para este fim, e orientadas para serem escritas a partir das primeiras ideias que surgirem em mente. Para a análise dos questionários priorizou-se a categorização das respostas, procurando agrupá-las por incidência. As apurações gerais dos questionários se resumem às seguintes categorias apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 1

MENINAS (31)	%	MENINOS (43)	%
Pais homofóbicos	3,22	Estudos	11,62
Brigas para sair	19,35	Uso da internet	6,97
Pais brigando entre eles	9,67	Discussão entre a família toda	23,25
Horário para chegar em casa	6,45	Pais achando o filho irresponsável	6,97
Pais controladores/protetores	9,67	Horário para dormir	4,65
Pais ausentes	22,58	Não deixam beber bebida alcóolica	2,32
Pais brigando por causa do irmão/ã	6,45	Limpar a casa	2,32
SEM conflitos	16,12	SEM conflitos	39,53
Filho/a quer quarto exclusivo	3,22	Falta de comunicação	2,32

Fonte: da autora

DISCUSSÃO

A partir dos resultados apurados, como apontamos na primeira hipótese, tanto pais como filhos adolescentes afirmaram haver conflitos no relacionamento mas que a frequência destes

conflitos familiares não é alta. Dos 74 sujeitos entrevistados, 16,12% das meninas e 39,53% dos meninos disseram não ter conflitos com seus pais. Este resultado coincide com a maioria de outros estudos, ao assinalar que as relações entre pais e filhos/as adolescentes são, na maioria dos casos, harmoniosas e satisfatórias para ambos (NOLLER & BAGI, 1985; STEINBERG, 1990; PALACIOS, HIDALGO & MORENO, 1998).

Ainda que os sujeitos percebam baixa incidência de conflitos em suas relações com seus pais, estes apresentam como categorias também significativas: *pais ausentes* (22,58% nas meninas), *brigas para sair* (19,35% nas meninas) e *discussão entre a família toda* (23,25% nos meninos). Pais e filhos/as adolescentes discutem ainda algumas vezes por causa dos *estudos*, da *hora de chegar em casa a noite*, do *uso da internet* (videogame) e *álcool*. Além disso, pais e filhos/as concordam que muitos dos conflitos surgem também, por causa dos afazeres e das responsabilidades da casa e das tarefas da escola. Destaca-se ainda, que os adolescentes assinalam que as brigas constantes, entre os pais, originam os conflitos entre todos. Eles dizem que “*os pais brigam por qualquer motivo*”, que “*falta comunicação*” ou que “*o pai é ausente*” ou “*a mãe é ausente*”.

Como segunda hipótese, que consiste em encontrar diferenças, entre idades e gênero, na percepção dos conflitos familiares, esta se confirma parcialmente. As meninas parecem perceber muito mais conflitos em suas relações com seus pais do que os meninos: 39,53% dos meninos acreditam não ter conflitos, sendo que somente 16,12% das meninas afirmam a ausência de conflitos. Todos os meninos na faixa de 13 anos que responderam o questionário alegaram não ter conflitos com seus pais. Na lista das meninas, somente 5 delas, para toda a faixa etária, afirmaram não ter problemas de convivência familiar, o que sugere que as mulheres – mães ou filhas – percebem com mais intensidade os conflitos familiares, como os que giram em torno de pais ausentes, o uso do dinheiro, formas de se vestir, cigarro e álcool, ou discordam das opiniões (GRAUDENZ-MÜLLER, BEIRAS, & MORAES-CRUZ, 2007).

Como os adolescentes se interessam mais por conseguir autonomia em alguns domínios de sua vida privada, as discussões podem surgir a partir deste ponto. Esta diferença entre meninas e meninos poderia se explicar pela maior preocupação das mães pela formação de seus filhos/as. As mães provavelmente desejam que seus filhos/as dediquem mais tempo aos estudos, ao contrário dos adolescentes que se interessam mais em conseguir autonomia e liberdade pessoal.

Seguindo as análises dos dados, confirma-se que existem diferenças segundo o gênero dos pais que foram verificadas nas justificativas dos respondentes. Os adolescentes entrevistados demonstraram a percepção que discutem mais com suas mães do que com seus pais porque as mães são “*superprotetoras*” e “*controladoras*”. Este resultado é congruente com outros estudos encontrados em pesquisas de outros autores (STEINBERG, 1990; YOUNISS & SMOLLAR, 1985) que mostraram que há uma maior implicação das mães do que dos pais, no cuidado e na supervisão cotidiana dos adolescentes. As mães costumam ser mais atentas que os pais à vida pessoal e familiar dos adolescentes, ao menos é o que a literatura tem mostrado até hoje, enquanto os pais se preocupam mais com as relações sociais e com o rendimento acadêmico dos filhos.

Em relação à variável gênero, constatou-se neste estudo que as meninas têm mais conflitos com seus pais, pais e mães, do que os meninos. As discussões são por vários assuntos como já comentado acima, contudo, os meninos somente discutem com ambos os pais, por causa de estudos e sobre o futuro. Este resultado pode responder à maior exigência que tanto pais como mães têm com os filhos homens, considerando que talvez possam se relacionar aos estereótipos atualmente vigentes na sociedade: pais e mães continuam tendo expectativas diferentes e tratando de modo distinto seus filhos e filhas.

E por fim, em relação à terceira hipótese, que os conflitos entre pais e filhos/as vão aumentando ao longo da primeira

adolescência – faixa etária deste estudo – e se mantêm durante a adolescência média, os dados coletados confirmam em parte esta afirmação. Seria necessário ampliar as idades na investigação, mas com os resultados apontados acima, confirma-se que os adolescentes não relatam ter muitos conflitos de relacionamento, o que já foi mencionado em relação à primeira hipótese, e ainda os motivos dos conflitos são relativos às suas idades. Isto porque, algumas pesquisas (SMETANA & ASQUITH, 1994) mostram que as diferenças nos motivos dos conflitos são relativas às inquietações do período da adolescência em que o jovem se encontra, isto é, problemas com os *relacionamentos afetivos* entre pares, *sair tarde com os amigos* e questões sobre o *futuro e a carreira*. Significa uma mudança no momento em que os conflitos entre pais e filhos/as aparecem, podendo atrasar ou não a aparição dos mesmos.

A importância da família como contexto de socialização e de influência

A família tem sido definida como contexto primário devido ao seu papel central na socialização da criança e do adolescente (PALACIOS, 1999). Supõe-se que os padrões de interação, enfrentamento e formação da identidade que se adquire através da experiência no ambiente familiar são fundamentais para interagir com outras influências socializadoras e servem para preparar a criança e o adolescente a superar os obstáculos e tarefas do desenvolvimento e da vida social. É como se no início do desenvolvimento humano, os pais seriam os protagonistas e a família a arena primária de socialização (MACCOBY & MARTIN, 1983).

De acordo com outros estudos, já mencionados anteriormente, as condutas dos pais, por exemplo, o apoio e o controle deles, estão significativamente relacionados com o desenvolvimento da autoestima (BARBER *et al.*, 1992) e com o desempenho acadêmico do adolescente (PRATTA & SANTOS, 2007), e por sua vez, estas duas variáveis se relacionam de forma consis-

tente com a socialização (PATTERSON & BANKS, 1986). Por outro lado, as condutas coercitivas e punitivas dos pais estão relacionadas com o desenvolvimento da conduta antissocial em crianças e adolescentes (PATTERSON & BANKS, 1986; TEODORO, CARDOSO & FREITAS, 2010) e a negligência e indiferença nas práticas parentais se associam com certo tipo de condutas internalizadas nos adolescentes, como por exemplo, o isolamento social (WHALER & DUMAS, 1987). Também estão relacionadas às práticas parentais, a afiliação a um grupo na fase da adolescência (BROWN, MOUNTS, LAMBORN & STEINBERG, 1993) e são encontradas associações entre as relações com amigos, conduta antissocial, déficit acadêmico e ecologia familiar (DISHION, 1990).

Os membros da família estabelecem determinadas relações entre eles que lhes permitem satisfazer distintas necessidades, o que implica que a família mantém um equilíbrio em seu funcionamento através dos anos. As metas ou tarefas do sistema familiar são a preservação, amadurecimento, desenvolvimento e nutrição de seus membros e antes de atingir a fase da adolescência dos filhos, as famílias têm desenvolvido padrões de interação para cumprir estas metas.

Isto porque, a adolescência ainda é caracterizada por numerosas mudanças biológicas, cognitivas e sociais, tais como ampliação das responsabilidades, acesso a alguns direitos dos adultos e transições na vida escolar (SALES, 2003), além das múltiplas mudanças que ocorrem durante esta época de transição, que podem estar associadas a determinados estados psicológicos, geralmente negativos, que influem na relação com os pais (MOURA & MATOS, 2008). Estas alterações se caracterizam por ir da renegociação da autoridade unilateral à maturidade e pela redefinição dos laços familiares. A relação deixa de ser primariamente vertical para ser uma relação mais horizontal, o que indica que a interação com os pais na adolescência tardia ou na adulez precoce se volta para a relação dos amigos e parceiros.

Conflito interpessoal durante a adolescência:

A definição de conflito no que se refere às condutas de oposição oferece muitas possibilidades. Entre elas, é possível examinar estas condutas independentemente do efeito negativo, o qual pode ou não estar presente no conflito que geralmente, tendem a ser confundidos com manifestações de ira, brigas ou discussões (HILL, 1988). Ocorre uma situação parecida quando é perguntado sobre os conflitos familiares.

Os conflitos que ocorrem quando há explosões de ira e desagrado são mais salientes e é possível que os sujeitos se recordem com mais precisão, por isso, as definições que carregam um componente afetivo podem subestimar a ocorrência do conflito em relação à lembrança do mesmo (LAURSEN & COLLINS, 1995).

Uma segunda possibilidade se refere a distinção que se faz entre conflito e níveis de competição e agressão. O comportamento competitivo nem sempre leva ao conflito, sendo que o mesmo pode ser falado sobre a agressão, o que é uma distinção importante para a definição de conflito nos termos de condutas de oposição.

A estrutura do conflito para alguns autores (GARVEY, 1984) supõe somente uma instância de oposição ou desacordo no que “A” provoca uma objeção em “B” e outro ponto de vista alternativo conceitua o conflito como um estado de mútua oposição ou desacordo que compreende um mínimo de três eventos, ou seja, *A* responde a oposição ou objeção inicial de *B*, persistindo na conduta original ou contra-atacando. Dentro desta estrutura, Shanz (1987) propõe vários componentes relacionados:

- a) incidência e intensidade - definida como a frequência e o clima afetivo de um conflito;
- b) assuntos ou tópicos do conflito;
- c) iniciação e oposição - que contêm as condutas que dão início ao conflito;
- d) resolução - definida como as condutas que dão por terminado o conflito;
- e) resultado – o que ocorre depois de terminado o conflito.

Os componentes descritos seguem uma sequência regular que representa componentes distintos, porém, interrelacionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento puberal está claramente associado com mudanças nas relações pais e filhos/as como é possível inferir a partir dos estudos pesquisados e da coleta de dados da investigação. Esse estudo sugere que a relação muda nesta etapa, ainda que haja evidência da força ou importância que tem estas mudanças para cada um dos membros da relação. A literatura revisada sugere que a puberdade tem um efeito consistente, mas provavelmente débil nas relações entre pais e adolescentes. Ainda assim é importante observar que este estudo traz apenas um pequeno recorte na enorme quantidade de variáveis que compreendem as condições das famílias e dos adolescentes, como por exemplo, as condições culturais, econômicas e raciais. Adicionalmente à questão de variabilidade entre as famílias, como consequência das mudanças que ocorrem na puberdade, não exploramos as famílias com características menos conflitivas que podem responder de forma diferente de famílias com alto nível de conflito, lembrando que este estudo foi aplicado antes de 2020/2021, quando ocorreu a pandemia mundial.

Por fim, é difícil entender os conflitos entre pais e filhos adolescentes sem ter em conta uma perspectiva temporal e de reciprocidade relacional. Além disso, segundo Palacios (1999), as percepções e atribuições que ambos elaboram sobre os outros também afetam as suas relações. Os conflitos entre pais e filhos surgem dentro do marco das relações familiares e estas são dinâmicas e bidirecionais, de tal modo que as ações dos pais têm consequência sobre seus filhos, mas estes também influem de modo decisivo sobre seus pais.

REFERÊNCIAS

- BOSMA, H. A. *et al.* Who was the final say? Decisions on adolescent behavior within the Family. **Journal of adolescence**, 19, p. 277 – 291, 1996. Doi: 10.1006/jado.1996.0025. PMID: 9245283. Acesso em: ago. 2022.
- BARBER, B. K., CHADWICK, B.A. & OERTEN, R. Parental behaviors and adolescent self-esteem in the United States and Germany. **Journal of Marriage and the Family**, 54, 128-141, 1992. <https://agris.fao.org/agris-search/search.do?recordID=US201301760208> Acesso em: ago. 2022.
- BROWN, B. B., MOUNTS, N., LAMBORN, S.D. & STEINBERG, L. Parenting practices and peer group affiliation in adolescence. **Child Development**, n. 64, p. 467 – 482, 1993. Doi: 10.1111/j.1467-8624.1993.tb02922.x. PMID: 8477629. Acesso em: ago. 2022.
- COLLINS, W. A. Relationships and development during adolescence: interpersonal adaptation to individual change. **Personal Relationships**, 4, p. 1 – 14, 1997. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1997.tb00126.x> Acesso em ago-2022. Acesso em: ago. 2022.
- COLLINS, W. A. Parent-child relationships in the transition to adolescence continuity and change in interaction, affect and cognition. In: R. Montemayor, G. R. Adams & T. P. Gullota (orgs), **From Childhood to Adolescence: a transitional period?** p. 86 – 106, 1990. California: SAGE. <https://psycnet.apa.org/record/1990-97382-004> Acesso em: ago. 2022.
- DISHION, T.J. The family ecology of boys peer relations in middle childhood. **Child Development**, 61, 874 – 892, 1990. <https://doi.org/10.2307/1130971> Acesso em ago-2022. Acesso em: ago. 2022.
- GARVEY, C. Children's talk. **Cambridge**: Harvard University Press, 1984. Doi: 10.1017/S0305000900005754 Acesso em: dia ago. 2022.
- GRAUDENZ-MÜLLER, F., BEIRAS, A. & MORAES-CRUZ, R. O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina. **Aletheia**, n. 26, jul./dez, 2007, p. 196-209, 2007. Universidade Luterana do Brasil Canoas, Brasil <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013567016.pdf>. Acesso em: ago. 2022.
- HILL, J. P. Adapting to menarche: familial control and conflict. In: J. Gunnar & W. A. Collins (orgs). **Minnesota Symposium on child development**, v. 21, p. 43 – 77, 1988. Hillsdale, NJ: Erlbaum. <https://doi.org/10.2307/1131150> Acesso em: ago. 2022.

LA TAILLE, Y. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

LA TAILLE, Y. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

LA TAILLE, Y. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

LAURSEN, B. & COLLINS, W. A. Interpersonal conflict during adolescence > **Psychological Bulletin**, v. 115, p. 197 – 209, 1995. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.115.2.197> Acesso em: ago. 2022.

LAURSEN, B., COY, K. C. & COLLINS, W. A. Reconsidering changes in parent-child conflict across adolescence: a meta-analysis. **Child development**, v. 69, p. 817 – 832, 1998. PMID: 9680687; PMCID: PMC2730212. Acesso em: ago. 2022.

MACCOBY, E. E. & MARTIN, J. A. Socialization in context of the family: parent-child interaction. In: E. M. Hetherington (org). Socialization, personality and social development. **Handbook of Child Psychology**, v. IV. NY: Wiley, 1983.

MOURA, O. & MATOS, P. M. Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. **Psicologia**, 22(1), p. 127–152, 2008. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.341> Acesso em: ago. 2022.

NOLLER, P. Relationships with parents in adolescence: process and outcome. In: R. Montemayor (org), **Personal relationships during adolescence**, p. 37 – 77, 1994. California: SAGE publications. <https://psycnet.apa.org/record/1996-97127-002> Acesso em: ago. 2022.

NOLLER, P. & BAGI, S. Parent-adolescent communication. **Journal of Adolescence**, n. 8, p. 125 – 144, 1985. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-1971\(85\)80042-7](https://doi.org/10.1016/S0140-1971(85)80042-7) Acesso em: ago. 2022.

PALACIOS, J. La familia y su papel en el desarrollo afectivo y social. In: F. López, I. Etxebarria, M. J. Fuentes & M. J. Ortiz (orgs), **Desarrollo afectivo y social**, p. 267 – 284, Madrid: Pirámide, 1999. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7534950> Acesso em: ago. 2022.

PALACIOS, J., HIDALGO, M. V. & MORENO, M. C. Familia y vida cotidiana. In: M. J. Rodrigo & J. Palacios (orgs). **Familia y desarrollo humano**, p. 71 – 89, 1998. Madrid: Alianza.

PATTERSON, G. R. & BANKS, L. A. Bootstrapping you way in the nomological thicket. **Behavioral Assessment**, v. 8, p. 49 – 73, 1986. https://www.researchgate.net/publication/232494880_Bootstrapping_your_way_in_the_nomological_thicket Acesso em: ago. 2022.

PETERSEN, A. C. & HAMBURG, B. A. Adolescence: a developmental approach to problems and psychopathology. **Behavior Therapy**, v. 17, p. 480 – 499, 1986. [https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(86\)80090-9](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(86)80090-9) Acesso em: ago. 2022.

PRATTA, E. M. M. & SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Dossiê - Psicologia e Adolescência. **Psicologia e Estudos**. 12 (2), 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005> Acesso em: ago. 2022.

SALES, L. M. M. A família e os conflitos familiares – a mediação como alternativa. **Pensar**, Fortaleza, v. 8, n. 8, p. 55-59, 2003. <https://doi.org/10.5020/23172150.2012.55-59> Acesso em: ago. 2022.

SHANZ, C. U. Conflict between children. **Child Development**, v. 58, p. 283 – 305, 1987. <https://doi.org/10.2307/1130507> Acesso em: ago. 2022.

SMETANA, J.G. Adolescents and parentes conceptions of parental authority. **Child Development**, v. 59, p. 321 – 335, 1988. <https://doi.org/10.2307/1130313>. Acesso em: ago. 2022.

SMETANA, J. G. Adolescents and parentes reasoning about actual family conflict. *Child Development*, v. 60, p. 1052 – 1067, 1989. <https://doi.org/10.2307/1130779> Acesso em: ago. 2022.

SMETANA, J. G. & ASQUITH, P. Adolescents and parentsconceptions of parental authority anda personal autonomy. **Child Development**, v. 65, p. 1147 – 1162, 1994. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00809.x> Acesso em: ago. 2022.

STEINBERG, L. D. Transformation in family relation at puberty. **Developmental Psychology**, v. 17, p. 833 – 840, 1981. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.17.6.833> Acesso em: ago. 2022.

STEINBERG, L. D. Impact of puberty on family relations: affects os puberal status and puberal timing. **Developmental Psychology**, v. 23, n. 3, p. 451 – 460, 1987. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.23.3.451> Acesso em: ago. 2022.

STEINBERG, L. D. Interdependence in the Family: autonomy, conflict and harmony in the parente-adolescent relationship. *In*: S. S. Feldman & G. R. Elliot (orgs). *At the threshold: the developing adolescents*. **Cambridge**, Harvard University Press, 1990. [https://www.scirp.org/\(S\(351jmbntvnsjt1aadkposzje\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=167897](https://www.scirp.org/(S(351jmbntvnsjt1aadkposzje))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=167897) Acesso em: ago. 2022.

STEINBERG, L & SILVERBERG, S. B. The vicissitudes of autonomy in early adolescence. **Child Development**, v. 57, p. 841 – 851, 1986. <https://doi.org/10.2307/1130361> Acesso em: ago. 2022.

TEIXEIRA, M. A. P., OLIVEIRA, A. M. O. & WOTTRICH, S. H. Escalas de Práticas Parentais (EPP): avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, 19 (3), 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300012> Acesso em: ago. 2022.

TEODORO, M. L. M., CARDOSO, B. M. & FREITAS, A.C.H. Afetividade e conflitos familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. Avaliação Psicológica. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, 23 (2), 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200015> Acesso em: ago. 2022.

YOUNISS, J & SMOLLAR, J. **Adolescent relations with mothers, fathers and friends**. Chicago: University of Chicago Press, 1985. <https://psycnet.apa.org/record/1985-97888-000> Acesso em: ago. 2022.

WAGNER, A., TRONCO, C. & ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. *In*: A. Wagner (org). **Desafios Psicossociais da Família Contemporânea: Pesquisas e Reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011. Cap. 1. p. 19-38, 2011.

WHALER, R. G. & DUMAS, J. E. Family factors in childhood psychology. *In*: T. Jacob (org) **Family interaction psychopathology**. NY Plenum Press, 1987. https://doi.org/10.1007/978-1-4899-0840-7_16 Acesso em: ago. 2022.